

Conrad Pichler

MANUAL DIGITAL DO PROFESSOR

.....

QUE NEM MARÉ



Conrad Pichler

MANUAL DIGITAL DO PROFESSOR



QUE NEM MARÉ



© Conrad Pichler

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olívia Tavares

Preparação
Ronald Polito

Revisão
Beatriz de Freitas Moreira

Diagramação
Paula Korosue

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P659m

Pichler, Conrad

Manual digital do professor: que nem maré/Conrad Pichler.

– 1. ed. – São Paulo: Rakun, 39 pp.

ISBN: 978-65-88515-06-8

1. Ensino fundamental – Brasil. 2. Ensino médio – Brasil. 3.
Base Nacional Comum Curricular. 4. Professores – Formação.
5. Programa de atividades. I. Título.

Bibliotecária: Camila Donis Hartmann – CRB-7/6472

21-69126

CDD: 372.0981

CDU: 373.3(81)

2021

Todos direitos reservados à
Editora Rakun e Serviços de Texto Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 43
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Rakun e Serviços de Texto Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

1. Carta ao professor	5
2. Por dentro do livro	5
2.1. Sinopse da obra	5
2.2. O autor	7
2.3. A obra em relação à BNCC	7
2.3.1. As competências da BNCC e as atividades do manual	8
2.4. Temáticas de <i>Que nem maré</i>	9
2.4.1. <i>Bullying</i> e respeito à diferença	9
2.4.2. Cultura digital no cotidiano do jovem (<i>fake news</i>)	10
2.4.3. Inquietações da juventude	11
2.4.4. Vulnerabilidade dos jovens	12
3. Propostas de atividades I	12
3.1. Antes da leitura da obra	12
3.1.1. Adivinhando o texto por partes	12
3.1.2. Memes contra o <i>bullying</i>	14
3.2. Durante a leitura da obra	16
3.2.1. Palavras-chave que vêm e vão	16
3.2.2. Memória e o tempo de <i>Que nem maré</i>	19
3.3. Após a leitura da obra	21
3.3.1. Mapas mentais das marés	21
3.3.2. Novelo, novela: os fios das memórias	22
4. Propostas de atividades II	24
4.1. Vivendo (e aprendendo) por música	24
4.1.1. Antes da leitura	25
4.1.2. Durante a leitura	27
4.1.3. Depois da leitura	27
4.2. <i>Fake news</i> , pós-verdade e teorias da conspiração	28
4.2.1. Antes da leitura	29
4.2.2. Durante a leitura	30
4.2.3. Depois da leitura	31
5. Aprofundamento	31
5.1. As convenções das novelas e das memórias	31
5.2. Outras novelas, outras memórias	33
5.2.1. Novas formas de registro das memórias	33
5.3. Escrevendo novelas, escrevendo memórias	35

6. Sugestões de referências complementares	35
6.1. Outras memórias.....	35
6.2. Teoria da novela.....	36
6.3. Filmes e séries.....	36
6.4. Como criar uma <i>playlist</i>	36
7. Competências e habilidades da BNCC	37
7.1. Competências específicas e habilidades de Linguagens e suas Tecnologias.....	37
8. Bibliografia comentada	49

1. CARTA AO PROFESSOR

Caro(a) professor(a),

A vida de uma pessoa, às vezes, é semelhante à jornada de um personagem. Ou seria o contrário? Na história *Que nem maré* acompanhamos todo um ano na vida do narrador personagem, que nos apresenta uma vida de desafios, perigos e, principalmente, superação e conquistas. Assim como muitos dos alunos que encontramos nas mais variadas escolas do Brasil, José é um menino inteligente e sonhador, com vontade de viver uma vida digna e repleta de significado. O que ele consegue com muito esforço e dedicação.

Tal como boa parte desses alunos, José se vê dividido entre a convivência presencial com seus colegas de turma, que muitas vezes é permeada pela discriminação e por violências verbais e físicas, por conta de sua origem pobre; e a “vida virtual”, que é onde ele consegue manter-se conectado às pessoas de seu interesse. Porém, a vida de José é virada do avesso quando ele se vê vítima de boatos e *fake news* em redes sociais e aplicativos de mensagens.

Neste *Manual digital do professor*, vamos apresentar propostas de atividades para trabalhar o livro em sala de aula, um aprofundamento teórico para conhecer melhor o gênero textual da obra (que tem a qualidade de ficar entre a novela e as memórias), mas sobretudo pretendemos criar um debate franco com você, professor(a), e seus(suas) alunos(as) sobre ética, dignidade e respeito às diferenças.

Esperamos que essa seja a oportunidade para que sua turma possa refletir sobre as causas e consequências do *bullying* e do *cyberbullying*, da discriminação racial, social e, também, da xenofobia. Partindo de uma contemporânea – e necessária – discussão sobre a produção e distribuição de *fake news* e dos discursos de ódio.

Almejamos mais, que este livro propicie à turma o conhecimento de como superar esses problemas contemporâneos, pois acreditamos que conversar, debater, argumentar e difundir práticas de verificação de notícias podem favorecer uma mudança de atitude, visando uma comunicação mais ética, o uso mais consciente das tecnologias e a expansão de uma cultura de respeito aos direitos das pessoas, em particular, dos mais vulneráveis em nossa sociedade, como os adolescentes e as crianças.

2. POR DENTRO DO LIVRO

2.1. SINOPSE DA OBRA

Que nem maré começa 35 minutos antes do Réveillon, e nela acompanhamos o narrador personagem em uma retrospectiva de seu ano (o último ano do Ensino Médio) e de sua vida. A cada um dos capítu-

los, o protagonista nos apresenta os caminhos que o levaram até onde ele se encontra: na cozinha de sua casa, observando os minutos passarem no relógio de pássaros pregado na parede. Revisitando o passado, ele retoma a sua mudança de uma escola pública para a condição de bolsista em uma escola privada, deixando os antigos colegas, mas encontrando novas amizades, como Chen, descendente de chineses; e os seus antagonistas, que perpetuam a discriminação social em suas práticas de *bullying* e assédio psicológico.

Porém, essa também é uma história de amor, de amadurecimento das emoções, do encontro com os diferentes – e que explicita como aprendemos com o outro. O protagonista se apaixona por Carmen, uma jovem e talentosa violinista, cujo nome é inspirado na ópera. Apenas no final da história descobrimos que o narrador personagem se chama José, assim como o amante da cigana da obra de Bizet. Mas há um grande empecilho para o romance de José e Carmen: ela é a namorada de seu melhor amigo. Desse dilema, surgem as peripécias típicas dos romances adolescentes: os encontros, a troca de confidências, de canções e de carinho... as decepções, os desencontros e as separações.

A música é um elemento que vai manter esse casal unido, enquanto o protagonista procura uma forma de permanecer ao lado de Carmen e não desonrar o amigo que ele admira e respeita. É também a música que confere a ele o que acredita ser parte de sua identidade de jovem negro da periferia. No rap, ele encontra a expressão da voz (in)contida, que expressa os pensamentos e os anseios de uma parcela da população quase sempre colocada à margem das decisões e da participação plena da cidadania.

Em uma trama secundária, acompanhamos todo tipo de esforço e sacrifício realizado pela mãe de José para que ele permanecesse apenas estudando, sem ter que se preocupar com a busca de um emprego. Sacrifícios esses que se tornaram maiores quando ela se separou do pai de José. Na narrativa, José demonstra seu carinho e respeito pela mãe, mas as situações do dia a dia, as dificuldades e as restrições financeiras o trazem às voltas com o desejo – e a necessidade – de encontrar um trabalho.

Ao longo desses desafios, porém, o protagonista passa a reconhecer e a valorizar pouco a pouco seus talentos para o desenho, seu gosto pela leitura, sua curiosidade pelos mapas, que desperta um interesse legítimo pela geografia. No entanto, o dilema entre seguir os estudos para realizar seu sonho de se tornar professor e a busca por um emprego para ajudar no sustento da família se impõe, expondo as vulnerabilidades dos jovens em aceitar uma condição inevitável. Na história de José, quando seu tio – que tem um papel importante na sua formação – parece sempre reiterar essa necessidade do trabalho, ficam ainda mais distantes os sonhos de prestar vestibular ou Enem e cursar uma graduação.

Relacionamentos com colegas, o namoro, a relação com a mãe batalhadora e o pai ausente, as dúvidas sobre o primeiro emprego e os estudos, a busca pela sobrevivência e pela melhoria das condições socioeconômicas, as relações de discriminação, o impacto das *fake news* e *bullying* são os principais temas deste livro. Que sobretudo demonstra como, para o jovem José, sua ética e seus sonhos foram determinantes para superar qualquer desafio e galgar novas oportunidades de vida.

E quando o ponteiro chegar à meia-noite, o que será que espera esse nosso herói?

2.2. O AUTOR

Marcelo Duarte nasceu em 31 de outubro de 1964, em São Paulo. Formou-se em jornalismo na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1985. Com vinte anos de idade ingressou na redação jornalística como repórter; dez anos depois já era editor-chefe, e atuou em uma série de revistas.

Aficionado por esporte, foi apresentador e colaborador de programas de TV e rádio, cobrindo várias edições da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Seu programa *Você é curioso?* recebeu o prêmio APCA de melhor programa educativo de rádio em 2006. Na televisão, apresentou o programa *Loucos por futebol*, da ESPN-Brasil.

É curador do acervo permanente do Museu do Futebol, em São Paulo. Foi curador de diversas exposições em unidades no Sesc, no Farol Santander e no próprio Museu do Futebol. Desenvolveu estratégias e conteúdo para jogos educativos da empresa Grow.

É autor da famosa série “O guia dos curiosos”, que conta com nove volumes temáticos. Escreveu também livros para a prestigiada Coleção Vaga-Lume (*Deu a louca no tempo*, *O ladrão de sorrisos*, *Meu outro eu* e *Tem lagartixa no computador*) e tem ainda mais três romances infantojuvenis lançados pela Panda Books (*O mistério da figurinha dourada*, *Esquadrão curioso: caçadores de fake news* e *Jogo sujo*).

2.3. A OBRA EM RELAÇÃO À BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um importante marco documental para estabelecer políticas públicas de educação para todo o território nacional, para as redes públicas e privadas, no intuito de ofertar uma educação mais inclusiva e igualitária para os estudantes da educação básica. Definida em diversos fóruns, debates e pesquisas populares, o texto homologado para o Ensino Médio ficou pronto em 2018.

Se a educação já era uma garantia constitucional, estabelecida no Artigo 5, cujas bases teóricas e objetivos já estavam definidos também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, é com a BNCC que os objetivos, competências e habilidades de cada uma das áreas, cada um dos componentes nos diferentes segmentos de educação são esmiuçados, ganham corpo e concretude, permitindo, ainda, que o currículo seja de certa forma flexível aos conteúdos sensíveis das comunidades locais e aos desafios educacionais.

O currículo comum não abrange apenas os textos didáticos, informativos ou instrucionais; ele também abarca os textos literários, dos mais variados gêneros, como a novela de memórias *Que nem maré*. E é a partir de textos autênticos dos mais variados gêneros que se coloca em movimento o desenvolvimento constante e recursivo das competências e habilidades apontadas na BNCC, como lemos nas seguintes competências gerais: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p. 9).

Na leitura de *Que nem maré*, tanto competências gerais do Ensino Médio como as competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias podem ser mobilizadas. Além disso, são amparadas por habilidades de língua portuguesa, sobretudo de leitura e análise, e aquelas que são mais utilizadas nas práticas de leitura que envolvem contextualização de obras literárias, debate de temas contemporâneos e, as essenciais, habilidades de ler, analisar, checar e validar informações, sobretudo quando se referem a potenciais *fake news*. Como expressam as competências gerais 4 e 5:

Utilizar diferentes linguagens – **verbal** (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem **como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica**, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9, grifo nosso)

2.3.1. AS COMPETÊNCIAS DA BNCC E AS ATIVIDADES DO MANUAL

Nas partes 3 e 4 deste *Manual digital do professor*, respectivamente, “Propostas de atividades I” (p. 12) e “Proposta de atividades II” (p. 25), você encontrará as competências e habilidades desenvolvidas total ou parcialmente, tanto do componente de língua portuguesa quanto de outros componentes (quando pertinente). Mas acreditamos que a partir das propostas de abordagem teórica, de aprofundamento ou, mesmo, nas referências complementares (respectivamente, as partes 5 e 6, “Aprofundamento”, p. 32, e “Sugestões de referências complementares”, p. 36), você poderá encontrar recursos – a partir de conhecimentos estabelecidos sobre gêneros textuais e de recursos de ampliação do repertório do estudante – para o desenvolvimento de outras tantas habilidades e projetar um maior engajamento de sua(s) turma(s) na leitura, análise e, eventualmente, produção de textos (verbais, não verbais e de múltiplas modalidades), de modo que os alunos possam “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 9).

As “Temáticas de *Que nem maré*” (p. 9) também estão vinculadas às práticas sugeridas nas habilidades da BNCC. Quando se discute “*Bullying* e respeito à diferença” (p. 9), a obra dialoga com a competência 2 de Linguagens e suas Tecnologias ao tratar da compreensão dos processos identitários, do respeito às diversidades e à pluralidade de ideias, incentivando o autoconhecimento, a empatia e o diálogo para combater preconceitos. Do mesmo modo, as propostas de atividades propiciam aos estudantes analisar o funcionamento das linguagens e os preconceitos presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias.

Ao se debater “Cultura digital no cotidiano do jovem (*fake news*)” (p. 10), é mobilizada a competência 7, que busca “mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se

em práticas autorais e coletivas” (BRASIL, 2018, p. 490). Entre as habilidades exploradas, estão o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) e seu impacto na formação do sujeito e em suas práticas sociais.

Mesmo as habilidades socioemocionais, que são um dos focos do tema “Inquietações das juventudes” (p. 11), dialogam com a competência 1 que visa a compreensão do funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais como forma de ampliar a participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade.

A Base pressupõe um respeito aos direitos humanos e ao Estatuto da Criança e do Adolescente, que são documentos de referência e estão intimamente ligados às políticas públicas de educação do Estado. Por essa razão, no desenvolvimento do tema “Vulnerabilidade dos jovens” (p. 12), a obra se relaciona com a competência 3:

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. (BRASIL, 2018, p. 490)

2.4. TEMÁTICAS DE *QUE NEM MARÉ*

As temáticas aqui apresentadas podem gerar debates, discussões, mesas-redondas, algumas reflexões ao longo da leitura de *Que nem maré*. Mais adiante, sugerimos algumas referências complementares, que podem enriquecer ou embasar as sugestões de abordagem dos temas a seguir.

2.4.1. **BULLYING E RESPEITO À DIFERENÇA**

A sociedade brasileira é culturalmente plural, socialmente variada e etnicamente complexa. Todas essas diferenças coexistem, ou seja, estão postas concomitantemente nas ruas, nas praças, nas famílias e outras instituições e, claro, nas escolas. Em *Que nem maré*, essa diversidade é percebida na sala de aula em que José, jovem da periferia de São Paulo, bolsista, convive com jovens de classe média (alguns descendentes de estrangeiros) e um jovem imigrante, Chen.

José e Chen têm uma ótima relação, que foi estabelecida ao se reconhecerem como pessoas à margem das relações sociais já estabelecidas pelos demais alunos, um grupo mais homogêneo. Ao longo da narrativa, o leitor pode perceber que a convivência dos dois amigos com a turma nem sempre é harmônica e construtiva, o que evidencia as dificuldades das comunidades escolares – no caso, uma escola particular “de elite” – em inserir aqueles que são considerados diferentes. Esse é um ponto interessante para a construção de um debate na escola, com a participação de estudantes, educadores e toda a comunidade escolar: “Como tornar nossa escola social e culturalmente mais inclusiva?”.

Esse tipo de debate pode impedir que as práticas de segregação ou discriminação sejam frequentes na escola, porque coloca todos como corresponsáveis pela manutenção de um ambiente mais diverso e eticamente comprometido com a igualdade. Nesses ambientes, atitudes de abuso e violência

(velada ou não) podem ser identificadas e debatidas pela comunidade escolar, evitando circunstâncias pelas quais passaram José e Chen na história, em que eles são constantemente atacados pelos colegas de turma, tornando-se vítimas de *bullying*.

Bullying é o termo em inglês que se refere às violências recorrentes (tanto físicas como ameaças e azaques, entre outras) sofridas geralmente por crianças e adolescentes em ambiente escolar. Define-se pelo surgimento da figura do *bully* (“valentão”, em inglês) que pode ser tanto um indivíduo quanto um grupo que usa de sua força física ou dominância social para atacar sistematicamente aqueles que são considerados mais fracos, ou que pertençam a grupos vulneráveis como mulheres, negros, imigrantes, pessoas com deficiência, entre outros. José, por ser um jovem de periferia, e Chen, por ser imigrante, são associados a grupos minorizados, o que os torna alvos da violência.

Utilizando reportagens de fontes confiáveis, trechos de textos acadêmicos, ou mesmo convidando um especialista (psicólogo, antropólogo, perito em redes etc.), é possível abordar esses assuntos (discriminação, segregação, *bullying/cyberbullying* e ética digital) com maior profundidade. Como sugerido anteriormente, é possível, também, criar um fórum permanente de debate entre estudantes e a comunidade escolar sobre esses assuntos.

2.4.2. CULTURA DIGITAL NO COTIDIANO DO JOVEM (FAKE NEWS)

Em *Que nem maré*, o *bullying* desenvolve-se para uma forma mais contemporânea, o *cyberbullying*, o que torna a situação de exposição e violência contra os jovens ainda mais fora de controle. Essa temática também pode ser abordada em sala de aula, em que se enxerga a possibilidade de refletir sobre os efeitos da violência digital na vida comunitária dos estudantes. Assuntos derivados como invasão da privacidade, exposição de imagens pessoais (ou íntimas) e ataques a perfis em redes sociais também podem ser compreendidos como violências cibernéticas e, se são recorrentes, como formas de *bullying* digital.

Na narrativa, o *cyberbullying* surge de uma notícia falsa, uma armação, criada para colocar em xeque a credibilidade de José, acusando-o de atitude xenófoba e discriminatória. Os antagonistas do personagem-protagonista e de seu amigo imigrante criam um áudio falso e o disseminam por um aplicativo de mensagens instantâneas. Isso provoca uma reação em cadeia que envolve a direção da escola, os familiares dos alunos e, até mesmo, a imprensa e a polícia. A notícia falsa, nesse caso, é desmascarada por um dos estudantes, que ajuda o protagonista. Na vida real, muitas vezes, essas notícias não são dissipadas com facilidade; por essa razão, são criadas agências e institutos de checagem de notícia (alguns deles serão apresentados na atividade “*Fake news*, pós-verdade e teorias da conspiração”, p. 28).

Aqui é possível discutir com a turma não só a distribuição viral das mensagens pessoais – que se espalham por contatos pessoais e grupos familiares –, mas também pesquisar como funcionam os disparos em massa desses aplicativos (disparos esses que são, segundo as empresas do segmento, coibidos); outra pesquisa importante é descobrir como funcionam os robôs e as “fazendas de robôs”, que podem ser contratados para alimentar comentários de postagens em redes sociais. Além de pertinente para a formação dos estudantes, reconhecer esses mecanismos permite a atuação do jovem como protagonista de uma sociedade mais ética.

2.4.3. INQUIETAÇÕES DA JUVENTUDE

A juventude é heterogênea. Não se pode falar em apenas um interesse comum entre os jovens, que buscam, nessa fase de suas vidas, a expressão de suas identidades. Porém, algumas questões perpassam esses vários grupos, com maior ou menor intensidade, e permitem debates em sala de aula, a fim de desfazer preconceitos, combater a desinformação e dar aos jovens oportunidade de expressar seus conhecimentos e sentimentos, com o intuito de mitigar as inseguranças típicas dessa fase.

Os relacionamentos são um dos temas que atravessam os diversos grupos de jovens. Em *Que nem maré*, os relacionamentos de José recebem uma atenção especial na narrativa – o namoro com Carmen e como isso afeta a amizade com Chen é um componente ético nessa história que pode ser bastante importante para os estudantes. O livro também explora como as relações de rivalidade, de José com Henrique e Patrick, podem escapar de um campo competitivo saudável para uma forma violenta de intimidação e abuso.

Outras formas de relacionamento também podem ser exploradas, como os papéis assumidos pelos familiares em uma situação de separação. Na história, a mãe de José o cria praticamente sozinha, o que implica uma sobrecarga de trabalho, que anula, até certo ponto, relações psicoafetivas dela. O tio de José, por sua vez, assume o papel modelar – o conselheiro, a referência – desejado pelo menino, que viu seu pai afastar-se e criar uma nova família. Essas relações podem ser exploradas com a turma do ponto de vista psicológico, mas também do social, comunitário, uma vez que representam uma das tantas variedades de família, que se organizam para dar conta da sustentação e proteção aos jovens.

Em última análise, é possível discutir também, a partir de passagens da narrativa, como as instituições (a escola, a polícia, a associação de pais, a comunidade etc.) se relacionam com as pessoas (com o jovem estudante, com o imigrante, com a mulher que trabalha e é o arrimo da família etc.); e como a cidade (como corpo urbano que tem seu próprio movimento) se relaciona com o cidadão (na mobilidade urbana, na inserção dos bairros periféricos nas políticas públicas de saúde, educação, cultura e lazer etc.).

Além dos relacionamentos, o livro apresenta as angústias de José e seus amigos sobre a definição de uma carreira, de um curso universitário e das provas para ingresso nesse mundo acadêmico. É possível que os estudantes percebam que José tem um projeto de vida: tornar-se geógrafo. E isso está para além do momento e das condições em que ele vive, ou seja, ele tem o sonho e o desejo que nasceu de sua sensibilização pela geografia que aconteceu quando explorava avidamente alguns mapas. Ou seja, seu interesse acadêmico, seu potencial de carreira e trabalho estão intimamente ligados a seu projeto de vida.

Porém, se entrepõe a José e seu projeto uma infinidade de questões sociais, que o impedem de decidir livremente – uma delas é a questão financeira de sua família, outra as defasagens acadêmicas que ele acredita que poderiam prejudicá-lo na realização dos exames de vestibular ou do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). José, porém, é bolsista em um colégio particular, o que pressupõe que teria mais condições de acessar o curso superior, o que não é necessariamente verdade; acreditamos que isso precisa ser desmistificado. José, quando assume que vai realizar os exames, passa a estudar mais, tirar dúvidas, pesquisar, revisar conteúdos e praticar suas habilidades acadêmicas, o que ele poderia fazer tanto na rede pública quanto privada.

O que a história não abarca, mas é possível ser discutido com a turma, é a possibilidade de, comunitariamente, pais e alunos, além do corpo de educadores, proporem mudanças e melhorias para a escola,

aprofundando estratégias de reforço escolar ou curso pré-vestibular, que contemplasse o desejo de muitos alunos de ingressar em cursos universitários.

2.4.4. VULNERABILIDADE DOS JOVENS

Em *Que nem maré*, José vive na periferia de São Paulo, sua mãe trabalha como merendeira da escola e ainda faz bicos para manter a casa e permitir que o filho estude. Porém, a necessidade de complementar renda ou a vontade de ter uma renda para fins pessoais pesa na balança, o que faz o jovem muitas vezes pensar em “largar mão de tudo” e conseguir um emprego. Contudo, ainda que existam trabalhos para jovens aprendizes, quase sempre o emprego para o menor de 18 anos é informal – no meio urbano: entregadores, guardadores de carro, vendedores, ajudantes de serviços, entre outros; no meio rural: ajudantes em lavouras, separadores de insumos, cuidadores de animais, cuidadores de crianças etc.

José opta constantemente por permanecer “apenas” estudando, mas isso não acontece sem que ele se sinta penalizado por ver sua mãe trabalhar tão arduamente. É evidente que os jovens das classes C e D são aqueles mais vulneráveis ao trabalho infantil, que é sempre acompanhado de violências de todo tipo contra os direitos das crianças e adolescentes. O trabalho infantil não oferece qualquer proteção ou direitos, mesmo a remuneração é, quase sempre, irrisória, quando esse mesmo trabalho não é análogo à escravidão, e a criança se vê trabalhando em troca de teto e alimentação – muitas vezes espúrios.

Na história do livro, a chave para que esse estigma social seja mitigado é a educação. Dessa forma, a saída de José para seu dilema parece ser o mais acertado para o seu futuro.

3. PROPOSTAS DE ATIVIDADES I

3.1. ANTES DA LEITURA DA OBRA

3.1.1. ADIVINHANDO O TEXTO POR PARTES

- **Tempo aproximado:** 1 a 2 aulas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competência específica 1 – (EM13LP02)

Proposta da atividade

I. Organize a turma: atividade coletiva.

II. Prepare-se:

A leitura do livro *Que nem maré* deve acontecer de forma coletiva, em voz alta. Dessa forma, pode-se organizar as carteiras ou cadeiras em círculo e semicírculo, propiciando a oportunidade de os alunos se verem de frente enquanto leem.

III. Encaminhamento:

1. Comece a leitura pelos paratextos do livro: título, capa, contracapa e apresentação.
2. Em seguida, com a turma, passe os olhos pelas páginas do livro, observando a organização dos capítulos, percorra os 35 capítulos, analisando que eles não são intitulados, são numerados – com exceção dos últimos dois capítulos: “Penúltimo” e “Final”.
3. Em uma segunda rodada, peça para os alunos apenas observarem palavras que lhes chamam a atenção – em geral, palavras com destaque gráfico (cor mais escura, itálico e outros) são mais chamativas. Algumas falas ou palavras e expressões entre aspas também se destacam na leitura diagonal dos alunos.
4. Em um terceiro momento, chame a atenção dos alunos para o parágrafo final do segundo capítulo. Em seguida, leia também o último parágrafo do terceiro capítulo.
 - A turma irá perceber que há uma estrutura recorrente: “**Foi** o ano mais maluco (e que eu queria que terminasse mais depressa) de **toda a minha vida**” e “**Foi** o dia em que mais elogiei o bom gosto de um amigo em **toda a minha vida**”.
 - Oriente-os a verificar se o mesmo acontece em outros capítulos; eles devem perceber que a estrutura se repete em todos os capítulos.
 - Após uma leitura sequencial de alguns desses parágrafos finais, peça que os alunos criem hipóteses sobre o que cada capítulo pode dizer a respeito da história como um todo – reforce a ideia de que não leiam mais do que os parágrafos finais e que retomem o que observaram na leitura dos paratextos, realizada na etapa anterior.
5. Em seguida, discuta acerca do último parágrafo como estratégia de:
 - **capitulação**: é comum às narrativas, que adotam a novela como modelo, utilizarem capítulos com um gancho (ou *cliffhanger*) que denota que a história tem continuidade no próximo capítulo; ou utilizar uma estrutura recorrente a cada capítulo, dando-lhe certa unidade, como a estratégia adotada neste livro.
 - **coesão**: estimule a turma a perceber como esse recurso pode criar a sensação de coesão do texto, isto é, os diversos capítulos são aproximados ou interconectados pelo uso de uma estrutura constante.
 - **sumarização**: a retomada de todo o capítulo pode ser vista como uma estratégia de sumarização, um resumo em um tópico que diz ao leitor o que aconteceu de mais relevante para a história naquela parte do livro; isso mantém o leitor atento ao que está acontecendo na narrativa.
 - **aproximação com a oralidade**: a frase final de cada capítulo tem algo de oralidade, se aproxima de um bordão ou frase feita, que conecta o leitor ao mundo cotidiano, à conversa informal; o que, por sua vez, torna a leitura do livro mais “confortável” para o leitor.

IV. Para encerrar:

Proponha à turma, a partir do que descobriram lendo os paratextos e os parágrafos finais, criar uma hipótese sobre o que conta a história como um todo ou alguns dos capítulos (que podem ser escolhidos a esmo, ou serem divididos em grupos).

Se a atividade for feita coletivamente, peça à turma que anote suas impressões nos cadernos, individualmente.

Se a atividade for realizada em grupos, cada um pode eleger um representante para falar as impressões dos colegas. Nesse caso, peça para a turma destacar quais são os comentários sobre a história em geral e quais são as colocações sobre os capítulos isolados (que devem ser identificados).

3.1.2. MEMES CONTRA O BULLYING

• **Tempo aproximado:** 4 aulas

• **Competências e habilidades da BNCC:**

Linguagens e suas Tecnologias:

- Competência específica 1 – (EM13LP31), (EM13LP32), (EM13LP33)
- Competência específica 3 – (EM13LP34), (EM13LP35)
- Competência específica 7 – (EM13LP43)

Proposta da atividade

I. **Organize a turma:** atividade em grupos pequenos.

II. Prepare-se:

1. Oriente os grupos a pesquisar memes, gifs e postagens de redes sociais que explorem a relação significativa de textos verbais e não verbais sobre *bullying* e *cyberbullying*.
2. Defina um número mínimo de materiais de gêneros textuais multissemióticos para que a turma tenha mais de um exemplo para análise.
3. Esta atividade compreende a leitura, análise e produção de gêneros textuais multissemióticos sobre *bullying* e *cyberbullying*. Ela será realizada em quatro etapas:
 - Avaliação do conhecimento prévio dos estudantes sobre o assunto;
 - Pesquisa e aprofundamento do tema;
 - Revisão da primeira etapa (confronto dos materiais recolhidos com a pesquisa);
 - Recriação dos materiais selecionados.

Importante: as produções ou recriações de textos sugeridas aqui têm como objetivo a difusão de boas práticas e conhecimentos fundamentados sobre *bullying* e *cyberbullying*.

III. Encaminhamento:

Depois da pesquisa, oriente a turma a realizar cada uma das etapas (uma por aula, por exemplo). Todas as análises, respostas e pesquisas podem ser anotadas no caderno, com o registro de datas. Dessa forma, o caderno funcionará como um diário de aprendizagem, permitindo que os estudantes retomem as informações necessárias em cada etapa de maneira mais rápida.

Primeira etapa

Peça para a turma avaliar a pesquisa a partir das questões a seguir:

- O que esses materiais têm em comum?
- Qual a relação entre textos verbais (palavras) e textos não verbais (imagens)?
- Essa relação é significativa? Por quê?
- Quanto à abordagem do tema:

- Qual assunto é abordado no material?
- De que maneira o assunto é tratado? Com seriedade, humor, deboche etc.?
- O material apresenta alguma referência ou fonte das informações explícita ou implícita? Se sim, qual?
- O material apresenta implícita ou explicitamente alguma opinião? Qual?
- Essa opinião favorece (ou não) a compreensão do assunto *bullying* e *cyberbullying*?

Segunda etapa

Sugira aos grupos pesquisarem informações que respondam as seguintes questões:

- O que é *bullying* e *cyberbullying*? (conceito)
- Como acontece o *bullying* e *cyberbullying*? (exemplos)
- De que maneira é possível evitar/combater o *bullying* e *cyberbullying*? (propostas de solução)

Importante: oriente os estudantes a pesquisar mais de uma fonte confiável (jornais de grande circulação, institutos de pesquisa, universidades, textos acadêmicos). As fontes devem ser anotadas de forma completa para futuras referências.

Terceira etapa

A partir das informações coletadas, peça para os alunos retornarem às questões da primeira etapa, revisando os materiais selecionados.

- Os materiais cometem imprecisões ao tratar o tema *bullying/cyberbullying*? Comente.
- A relação estabelecida entre textos verbais e não verbais é apropriada ao tema? Por quê?
- Se o material tem, intencionalmente, algum efeito de humor, responda:
 - O que o torna engraçado?
 - A “graça” deriva de uma imprecisão sobre o assunto *bullying/cyberbullying*?
 - O humor expressa alguma opinião sobre o assunto *bullying/cyberbullying*?

IV. Para encerrar:

Após avaliação, a turma poderá reconstruir os materiais pesquisados, adequando-os quanto aos assuntos *bullying/cyberbullying*, evitando imprecisões conceituais que possam levar o leitor ao erro.

1. A reconstrução dos materiais deve levar em consideração os seguintes critérios:

- Deve haver uma relação significativa entre textos verbais e não verbais.
- Os gêneros textuais multissemióticos devem ter suas características de composição mantidas (evitando excesso de texto escrito, por exemplo).
- Como o meio de difusão desses gêneros é o virtual, sugira que todas as recriações sejam feitas usando um celular ou computador; em outro caso, utilize as ferramentas e materiais disponíveis para a turma.

Importante: os efeitos de humor são pertinentes a memes, posts de rede social e gifs, que podem denotar o ponto de vista do criador desses textos. Porém, o humor das recriações deve evitar preconceito, discriminação, xenofobia, homofobia, violência contra a mulher e a criança, entre outros comportamentos, atitudes e discursos de ódio que ferem os direitos e a dignidade humana.

2. Sugira que os materiais reconstruídos sejam publicados e compartilhados em redes sociais a que os alunos tenham acesso. Oriente que o uso das redes e dos equipamentos de comunicação digital sejam feitos de forma responsável e que não desrespeitem os direitos humanos.

3.2. DURANTE A LEITURA DA OBRA

3.2.1. PALAVRAS-CHAVE QUE VÊM E VÃO

- **Tempo aproximado:** 17 aulas (considerando aproximadamente dois capítulos por aula, o que pode variar de acordo com o professor e a turma).
- **Competências e habilidades da BNCC:**
Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competência específica 2 – (EM13LP01)

Proposta da atividades

I. **Organize a turma:** atividade em quatro a seis grupos.

II. Prepare-se:

Organize na lousa um quadro dividido em três colunas: "Capítulo"; "Frase capitular (sumarização)" – trata-se da última frase de cada capítulo, como identificado na atividade "Adivinhando o texto por partes" (p. 12) –; e "Tema(s) ou assunto(s) abordado(s)".

Capítulo	Frase capitular (sumarização)	Tema(s) ou assunto(s) abordado(s)
1		
2		
3		
...		

Em seguida, solicite que cada grupo copie o quadro, considerando que cada um deles ficará responsável por um número de capítulos (se são cinco grupos, serão sete capítulos por grupo, por exemplo, grupo 1 fica com os capítulos 1 a 7, o seguinte, de 7 a 14 e assim até o capítulo 35).

III. Encaminhamento:

Essa atividade tem como objetivo identificar os temas centrais de cada capítulo e como eles se conectam na construção do sentido geral do texto. Por isso, sugerimos que a turma trabalhe com palavras-chave, o que pode ser um desafio para sintetizar um texto complexo em poucas palavras ou conceitos.

1. Após a leitura de cada capítulo, o grupo responsável por registrar no quadro as informações solicitadas deve agir como um escriba da turma, anotando a frase capitular e as palavras-chave escolhidas por todos.

- A escolha das palavras-chave não segue um padrão, mas é importante que elas sejam sucintas e permitam a retomada rápida do conteúdo de cada capítulo (ver modelo completo do quadro no final desta etapa da atividade).
- Sugerimos que a turma restrinja suas palavras-chave a, no máximo, cinco termos ou conceitos facilmente reconhecidos pelos alunos.

2. Caso a turma tenha dificuldade em levantar os termos ou conceitos, sugira as frases capitulares como uma pergunta para que tentem respondê-las com duas ou três palavras-chave, por exemplo: "Por que aquele foi o ano mais maluco de toda a vida do personagem?" (capítulo 1); sendo uma resposta possível: "Problemas de relacionamento, *bullying* ou *cyberbullying*".
3. A tabela completa pode ficar semelhante à seguinte, contudo, é possível que os estudantes encontrem outras palavras-chave para sintetizar os temas e assuntos abordados em cada capítulo.

Capítulo	Frase capitular (sumarização)	Tema(s) ou assunto(s) abordado(s)
1	Foi o ano mais maluco (e que eu queria que terminasse mais depressa) de toda a minha vida.	Problemas de relacionamento; <i>bullying</i> ; <i>cyberbullying</i> .
2	Foi o dia em que mais elogiei o bom gosto de um amigo em toda a minha vida.	Carreira; vestibular/Enem; separação dos pais; adaptação a um novo colégio.
3	Foi o dia em que senti o arrepio mais forte de toda a minha vida.	Relacionamento amoroso (namoro).
4	Foi o dia em que mais me senti impotente em toda a minha vida.	Meritocracia; desigualdade.
5	Foi o dia em que eu disse o "sim" mais rápido de toda a minha vida.	Identidade e representação; hip-hop.
6	Foi o dia em que mais fiquei revoltado em toda a minha vida.	Trabalho infantil e na adolescência (inclusive digital); desigualdade; preconceito; discriminação.
7	Foi o dia em que mais pensei no futuro em toda a minha vida.	Carreira; vestibular; trabalho.
8	Foi o dia em que recebi a maior lição da minha vida.	Trabalho na adolescência; desigualdade; vida adulta.
9	Foi o dia em que mais me senti fazendo bem para a mamãe em toda a minha vida.	Desigualdade; discriminação.
10	Foi o beijo mais gostoso (e pouco importa que tenha sido o primeiro) de toda a minha vida.	Relacionamentos.
11	Foi a música que mais escutei em tão curto espaço de tempo em toda a minha vida.	Relacionamentos.
12	Foi o dia em que mais senti onde ficam as tripas da gente em toda a minha vida.	Relacionamentos; consumo de álcool; aceitação pelo grupo.
13	Foi o dia em que mais lutei contra os meus sentimentos em toda a minha vida.	Relacionamentos; discriminação contra imigrante; amizade.
14	Foi o melhor filme que vi (parcialmente, é verdade) em toda a minha vida.	Discriminação; identidade e representação.
15	Foi o dia em que mais bombei nas paradas de sucesso de toda a minha vida.	Relacionamentos; identidade; cultura; vestibular/Enem.
16	Foi o dia em que mais me senti revoltado por ser pobre em toda a minha vida.	Relacionamentos; desigualdade; discriminação contra migrantes e imigrantes.
17	Foi o dia em que mais me senti representado em toda a minha vida.	Trabalho na adolescência; desigualdade; amizade.

18	Foi o dia em que fiz a maior burrada de toda a minha vida.	Relacionamentos; desigualdade; discriminação contra migrantes e imigrantes; escolhas.
19	Foi o dia em que mais senti meu coração ficando engaiolado em toda a minha vida.	Relacionamentos; identidade; cultura; desigualdade; discriminação.
20	Foi o dia em que mais me senti útil em toda a minha vida.	Relacionamentos amoroso e familiar; expressão dos sentimentos.
21	Foi o dia em que mais me senti desprotegido em toda a minha vida.	<i>Bullying</i> ; vulnerabilidade; desigualdade.
22	Foi o dia em que disse a maior mentira de toda a minha vida.	Relacionamentos (fim de namoro); ética.
23	Foi o dia em que mais senti falta de chão em toda a minha vida.	Áudios falsos; aplicativo de mensagens instantâneas; <i>fake news</i> .
24	Foi o dia em que mais desejei não ter acordado em toda a minha vida.	<i>Cyberbullying</i> ; <i>Haters</i> /discurso de ódio; linchamento virtual; redes sociais; <i>fake news</i> ; discriminação.
25	Foi o dia em que mais tive esperança em toda a minha vida.	<i>Fake news</i> ; discriminação.
26	Foi a pior despedida de toda a minha vida.	Áudios falsos; aplicativo de mensagens instantâneas; <i>fake news</i> ; relacionamentos.
27	Foi o dia em que mais chorei em toda a minha vida.	Relacionamento familiar; divórcio.
28	Foi o dia em que mais me senti fortalecido em toda a minha vida.	Áudios falsos; <i>fake news</i> ; amizade.
29	Foi o dia em que mais me senti corajoso em toda a minha vida.	Áudios falsos; aplicativo de mensagens instantâneas; <i>fake news</i> ; relacionamentos.
30	Foi o dia em que mais tive certeza de como é importante ter os pais a seu lado (mesmo que eles não estejam juntos) em toda a minha vida.	Áudios falsos; aplicativo de mensagens instantâneas; <i>fake news</i> ; postura da escola diante dos problemas de <i>cyberbullying</i> .
31	Foi o dia em que mais senti um nó na garganta em toda a minha vida.	Áudios falsos; aplicativo de mensagens instantâneas; <i>fake news</i> ; postura da escola diante dos problemas de <i>cyberbullying</i> .
32	Foi o dia em que a saudade bateu mais fundo em toda a minha vida.	Relacionamentos; vestibular/Enem.
33	Foi o dia em que eu estava mais elegante em toda a minha vida.	Relacionamentos; vestibular/Enem.
Penúltimo	Foi a decisão mais triste que tomei em toda a minha vida. Talvez a mais acertada também.	Relacionamentos; ética; fidelidade.
Final	Só não vou dizer que foi o melhor começo de ano de toda a minha vida porque os que vêm por aí prometem ser ainda melhores.	Relacionamentos; projeto de vida; futuro.

IV. Para encerrar:

Após a leitura de todos os capítulos e de completar a tabela, é possível recapitular toda a narrativa a partir das palavras-chave.

A partir dessas palavras-chave, retome com a turma como a história evolui a cada capítulo, tornando-se mais complexa. É possível perceber que o autor antecipa informações no primeiro capítulo que são retomadas mais para o final: o *bullying* que sofrem Chen e José dá margem para o ataque virtual sofrido pelos dois (José incriminado, Chen vítima). Em certo ponto, enquanto é lembrada para seus colegas da escola particular a sua origem na periferia, o protagonista fala de seu amigo, o mesmo que é convencido a passar áudios falsos (sem sabê-lo) no final da história.

3.2.2. MEMÓRIA E O TEMPO DE *QUE NEM MARÉ*

- **Tempo aproximado:** 11 aulas (considerando três capítulos por aula, o que pode variar de acordo com o professor e a turma).
- **Competências e habilidades da BNCC:**
Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competência específica 2 – (EM13LP01)

Proposta da atividades

I. **Organize a turma:** atividade coletiva.

II. Prepare-se:

Para essa atividade não é necessário um preparo especial; no entanto, para melhor aproveitamento das leituras, sugira que a turma tenha um caderno de notas em mãos (para registrar suas linhas do tempo, por exemplo) e que estejam distribuídos em círculo na sala de aula.

III. Encaminhamento:

Os livros de memórias têm algo em comum: são o registro de como uma pessoa percebe, sente e pensa sua própria trajetória em um período de sua vida ou ao longo dela como um todo.

Na tradição da literatura brasileira, podemos destacar dois livros de memórias bastante conhecidos: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Essas leituras podem ser sugeridas como um próximo passo para a formação literária dos alunos.

1. Chame atenção dos estudantes para um detalhe curioso: o livro é organizado em 35 capítulos, exatamente o mesmo número de minutos que faltam para o Réveillon, mencionado no primeiro capítulo.

É a partir desses minutos/capítulos que José irá lembrar seu ano, que foi repleto de situações interessantes, divertidas, mas também difíceis. A história, portanto, começa no fim do ano, retomando o início em seguida.

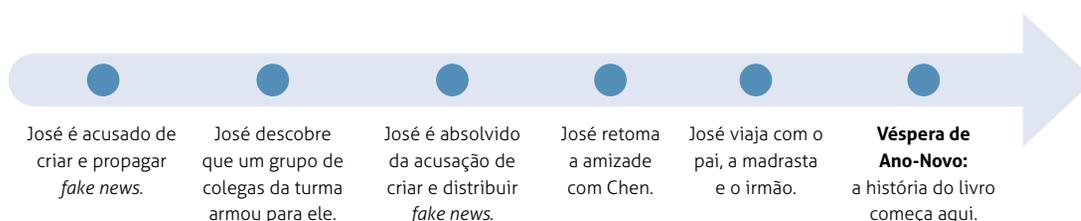
A partir do segundo capítulo, ajude a turma a perceber que a história é contada como um relato pessoal, em primeira pessoa, o que determina que o personagem principal está retomando a sua história a partir de seu próprio ponto de vista.

Conforme os capítulos se sucedem, José irá relembrar situações que viveu ao longo do ano, mas também outras circunstâncias que foram determinantes para ele: como eles se conheceram, como seus pais se separaram, a presença do tio, a convivência com primos, a vida na antiga escola pública que frequentava, como foi o ingresso no novo colégio, como se deu a sua relação com Chen etc.

2. Para organizar essas informações, trace na lousa uma linha do tempo, conforme modelo a seguir. Os detalhes e dados apresentados por José podem ser acrescentados à medida que a turma avançar na leitura.

Os estudantes podem fazer o registro enfocando as situações da história, as memórias em si, mas também podem acrescentar informações sobre as emoções descritas pelo narrador. De toda forma, o registro deve ser sucinto.

Sugira que a linha do tempo tenha 35 “pontos”, um para cada capítulo. Se julgarem oportuno, podem anotar a que capítulo cada memória de José se refere.



3. Oriente a turma a compor também uma linha do tempo sobre a vida deles. Essa linha deve ser preenchida ao longo a leitura, não há pressa.

4. A cada capítulo da obra, aproveite os elementos apresentados pela narrativa para estimular a turma a refletir sobre si e sua trajetória – o momento presente seria o final dessa linha. Ao longo dela, eles podem anotar situações e vivências marcantes do ano que estão vivendo. Por exemplo, nos capítulos 1, 2 e 9, o narrador foca em sua relação com seus pais, o que pode ser o ponto de partida para que os alunos escrevam sobre suas próprias experiências familiares – anotando informações em suas linhas do tempo.

Outros temas como amizade, namoro, trabalho, carreira e vestibular/Enem também são recorrentes, e podem sugerir ideias para que os estudantes preencham suas linhas do tempo.

IV. Para encerrar:

Quando chegarem ao final da leitura do livro, sugira que cada aluno apresente sua linha do tempo. Indique algumas questões norteadoras para que façam apresentações que melhor destaque as informações anotadas em suas linhas do tempo. O aluno não precisa elaborar respostas diretas às questões, mas pode usá-las como guias para suas falas.

- Quais foram meus maiores desafios?
- Como superei meus desafios?
- Onde eu quero chegar depois do ponto em que estou?

3.3. APÓS A LEITURA DA OBRA

3.3.1. MAPAS MENTAIS DAS MARÉS

- **Tempo aproximado:** 2 aulas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competência específica 3 – (EM13LP32)
 - Competência específica 7 – (EM13LP34)

Proposta da atividade

I. **Organize a turma:** atividade individual.

II. Prepare-se:

Uma boa maneira de retomar conteúdos é compondo mapas mentais. Sugerimos que, a partir da leitura do livro *Que nem maré*, os estudantes criem mapas mentais que explorem diferentes “camadas” de apreciação do texto.

Os mapas mentais utilizam técnicas esquemáticas (ordenação, direção, aproximação, relação etc.) para estabelecer sentido entre ideias, conceitos, exemplos etc.

Os estudantes precisarão dispor de folhas avulsas ou folhas de caderno; canetas ou lápis coloridos; ou, se disponível, equipamento de informática e aplicativos de edição de slides e organogramas.

Para saber mais sobre a produção desse gênero textual multissemiótico, sugerimos os seguintes vídeos que apresentam essa modalidade de esquema e suas funcionalidades:

- Como fazer um mapa mental em 5 passos. Jessica Mendes [canal]: 1 abr. 2019. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=IZVf0ugVZqA>. Acesso em: 20 set. 2020.
- Como não fazer um mapa mental. Arte da Conversa [canal]: 15 ago. 2019. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=-hcxVruHfxE>. Acesso em: 20 set. 2020.

III. Encaminhamento:

Os alunos serão convidados a compor três mapas mentais ou esquemas para apresentar diferentes “leituras” da narrativa de *Que nem maré*.

1. Quem é quem nessa maré? Um mapa dos relacionamentos entre os personagens da história.

Oriente a turma a criar uma história dos relacionamentos apresentadas no livro.

Nesse esquema, pode-se sugerir à turma colocar José ao centro e, a partir dele, relacionar outros personagens a sua volta; a cada “fio” ou “conexão”, colocar o tipo de relação existente entre os personagens. Seria interessante incluir as relações de antagonismo apresentadas na trama.

É importante que os alunos deem atenção à relação de José, Carmen e Chen, um triângulo amoroso que, por exemplo, pode ser representado justamente por essa forma geométrica.

2. Histórias cruzadas: Um mapa das relações/conexões entre as diferentes tramas da história.

Oriente a turma a criar um mapa mental apresentando as relações entre as tramas da história. Para tanto, sugira que cada uma seja descrita em poucas palavras como: “O namoro de José e Carmen”; “A história do pai de José”, “A família de Carmen” etc.

As setas ou linhas que relacionem os diferentes elementos de cada história podem se entrecruzar para indicar as conexões entre elas (o uso de cores é desejável, para evidenciar essas relações).

3. Papo reto: Um mapa de assuntos ou conceitos abordados no livro.

Oriente a turma a criar um esquema organizando o que aprenderam sobre *bullying*, *cyberbullying*, discriminação e xenofobia ao ler o livro. O esquema deve apresentar um conceito, um exemplo partindo do livro e outros exemplos cotidianos. Eles podem pesquisar notícias, reportagens, textos enciclopédicos, vídeos, entre outros.

Após a composição dos esboços, podem apresentá-los a um parceiro ou a um pequeno grupo de trabalho para verificar as informações.

Se disponíveis, é possível sugerir à turma que utilizem recursos gratuitos de aplicativos de computador ou celular para compor gráficos e organogramas.

Uso de formas, setas, cores, tipos/fontes variados também podem enriquecer a apresentação dos mapas mentais realizados em meio digital.

IV. Para encerrar:

Após a produção dos mapas, os estudantes podem apresentá-los aos colegas ou fixá-los em um mural.

Os mapas mentais são utilizados como estratégia para estudo, para fixar e registrar conhecimentos de forma pessoal. Por essa razão, depois da apresentação, sugira que guardem os mapas em pastas ou colados no caderno.

Os mapas construídos em meios digitais podem ser registrados em blogs, redes sociais ou outras plataformas.

3.3.2. NOVELO, NOVELA: OS FIOS DAS MEMÓRIAS

- **Tempo aproximado:** 11 aulas (considerando três capítulos por aula, o que pode variar de acordo com o professor e a turma).
- **Competências e habilidades da BNCC:**
Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competência específica 2 – (EM13LP01)
 - Competência específica 6 – (EM13LP49)

Proposta de atividades

I. Organize a turma: atividade coletiva.

II. Prepare-se:

Para iniciar a discussão com a turma, retome o conceito do gênero novela. Alguns pontos podem ser levantados, como:

- A palavra “novela” tem a mesma origem de “novo”, “novidade”, que originou, também, a palavra “notícia”.
- O gênero literário novela tem origem na Idade Média, contava as histórias reais e imaginárias dos cavaleiros de capa e espada, por isso eram chamadas de novelas de cavalaria. Elas tiveram papel

importante na difusão do imaginário das cavalarias e das Cruzadas, nas tantas tentativas dos nobres europeus de conquistar a Terra Santa, Jerusalém, onde hoje fica Israel. Quem nunca ouviu falar de rei Artur, Carlos Magno ou Ricardo Coração de Leão?

Se nesse período notícia e ficção se misturavam nas novelas, pouco a pouco esse gênero passou a ser dedicado cada vez mais à ficção; a notícia ocupou-se dos relatos considerados mais “reais” e “verídicos”.

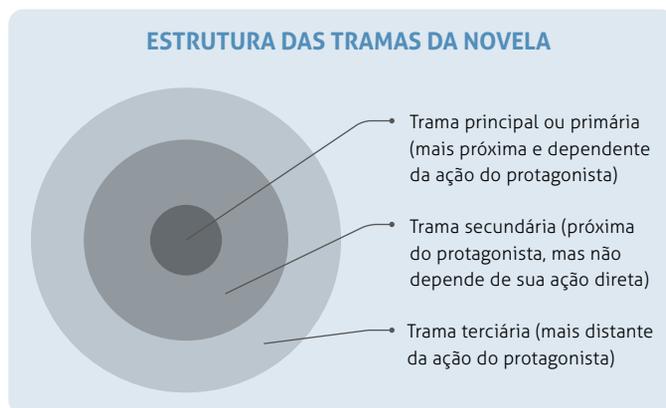
- A novela é considerada um gênero narrativo de ficção, ao lado do romance e do conto.

O romance é uma narrativa longa; o conto, uma narrativa curta. No entanto, longo e curto não são – na tradição da literatura de língua portuguesa – muito bem definidos; a novela seria uma narrativa mediana, entre os dois gêneros.

A novela, porém, se diferencia do conto não apenas pela contagem de páginas, palavras ou de caracteres, mas pela presença de mais de um núcleo de ação, como se vários fios de história se sobrepusessem. O conto, por outro lado, tem ação única e um enredo que se debruça quase que exclusivamente sobre o protagonista. Já na novela, pode haver mais de uma ação, concomitantemente. Isso implica o surgimento de vários personagens adicionais, que movimentam aspectos da narrativa que não são primordiais para o enredo da história.

III. Encaminhamento:

1. Reproduza para a turma o seguinte esquema de tramas de uma novela. Anote na lousa e sugira que copiem no caderno.



2. A partir do esquema anterior, oriente os estudantes, em grupos, a definir que trama da novela *Que nem maré* é a principal, a secundária e a terciária.

- A **trama principal** ou **primária** é a que envolve o triângulo amoroso José, Carmen e Chen.
- A **trama secundária** é a que engloba José e Chen com sua turma (aqui entram todos os casos de *bullying*, *cyberbullying* e *fake news* vivenciados na história).
- A **trama terciária** aborda as relações familiares de José, sua mãe, seu pai e, de alguma forma, seu tio. Outras tramas podem ser consideradas terciárias, como a dos pais de Carmen e os pais de Chen.

3. Após realizar a atividade anterior, retome com a turma a organização dos personagens da história e a sua relação com o enredo principal da novela. Anote o esquema a seguir na lousa e, da mesma forma que o anterior, peça para registrarem no caderno.



4. Apresente a atividade: “A partir do esquema anterior, identifique os personagens principais, os secundários e os terciários da trama (não é preciso abranger todos que aparecem na história, mas os mais relevantes)”.
5. Para iniciar a atividade, sugira aos alunos a seguinte questão: “No centro da história está o narrador-personagem (José); quem está ao seu lado?”. A resposta a essa questão pode identificar os personagens protagonistas da novela *Que nem maré*.

O grau de proximidade com o protagonista não é o único fator que conta. É importante identificar o quanto esses personagens são importantes para cada fio da história, como colaboram com as ações que fazem a narrativa caminhar para frente, com a progressão do enredo.

As respostas possíveis são:

- Os **personagens principais** ou **protagonistas**: José, Carmen, Chen, Henrique, Patrick.
- Os **personagens secundários**: a mãe de José, o tio de José, Marcela, Borelli, Jonas.
- Os **personagens terciários**: o pai de José, os pais de Chen, os pais de Henrique, os pais de Carmen, outros alunos da turma de José.

IV. Para encerrar:

Peça para que cada grupo apresente seus esquemas; sugira ao grupo corrigir coletivamente as produções, compartilhando pontos de vista, sugestões e suas leituras – que devem ter auxiliado na composição dos quadros.

Os esquemas com respostas corrigidas podem ser anotados na lousa para orientar toda a turma.

4. PROPOSTAS DE ATIVIDADES II

4.1. VIVENDO (E APRENDENDO) POR MÚSICA

- **Tempo aproximado:** 2 a 4 aulas
- **Área de trabalho em parceria:** Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Linguagens e suas Tecnologias
- **Competências curricular interdisciplinar:** História e Arte

• **Competências e habilidades da BNCC:**

Linguagens e suas Tecnologias:

- Competência específica 1 – (EM13LP01)
- Competência específica 2 – (EM13LP18)
- Competência específica 6 – (EM13LP49)
- Competência específica 7 – (EM13LP50)

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- Competência específica 1 – (EM13CHS101), (EM13CHS102), (EM13CHS103), (EM13CHS104)

4.1.1. ANTES DA LEITURA

Proposta de atividades

I. Organize a turma: atividade coletiva ou em pequenos grupos.

II. Prepare-se:

Tenha em mãos, se possível, pequenas fichas (ou páginas pautadas divididas ao meio na horizontal) para a produção dos testes e de fichamento.

III. Encaminhamento:

O objetivo é criar um teste de comportamento, semelhante àqueles divulgados na internet, para saber com que estilo musical de época o leitor mais se identifica, ampliando o repertório musical da turma.

Escolha uma seleção de sete canções contemporâneas (a partir de 2010, se possível) de seu gosto, anote o título da canção, o(a/s) seu(sua/s) intérprete(s) e compositor(es/a/as).

Em seguida, pesquise sete canções das décadas de 1960-70, 1980-90 e 2000, totalizando 28 canções.

Na página 37 deste manual, indicamos alguns aplicativos para a criação da sua playlist virtual.

1. Construindo o teste:

Tenha em mente um teste com sete questões com quatro alternativas cada.

Esse é um teste de “comportamento” e “estilo de vida”. Dessa forma, as questões devem refletir isso, como “Você está indo para a escola, como você se sente?”.

Cada alternativa representa uma década diferente (mas o leitor do texto não pode saber disso!).

Assim, cada alternativa deve remeter a uma canção selecionada por você, mas sem fazer menção direta à letra, título da canção ou ao(s)/à(s) seu(sua/s) intérprete(s) e compositor(es/a/as). Por exemplo, para responder à questão sugerida anteriormente, será necessário criar uma alternativa para cada década:

- uma canção que marcou a década de 1960 foi *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré; para não citá-la diretamente, uma alternativa poderia ser: “Caminhando e cantando, se sentindo empoderado”;
- para a década de 1990, uma música marcante foi *É o amor*, da dupla Zezé de Camargo e Luciano; uma alternativa para a pergunta poderia ser: “Meio louco, meio alucinado... só penso nela(e)”;
- para a década de 2000, um hit foi *Lutar pelo que é meu*, da banda Charlie Brown Jr.; uma alternativa poderia ser “Vou lutar pelo meu lugar ao sol... depois de um beijo teu”;

- partindo de suas escolhas pessoais, para as últimas décadas (2010 em diante), uma canção possível poderia ser *Meu abrigo*, do trio Melim; uma alternativa possível seria “Fico só pensando em voltar para o colo mais aconchegante”.

A montagem da questão e das alternativas ficaria assim:

Você está indo para escola, como se sente?

- a. Caminhando e cantando, se sentindo empoderado.
- b. Meio louco, meio alucinado... só penso em nela(e).
- c. Vou lutar pelo meu lugar ao sol... depois de um beijo teu.
- d. Fico só pensando em voltar para o colo mais aconchegante.

2. Como calcular o resultado do teste:

Há duas possibilidades:

- se a turma tiver acesso à internet, utilize serviços gratuitos para elaborar testes (veja nas indicações no fim deste *Manual digital do professor*) que ficarão on-line e o resultado é carregado automaticamente;
- crie um gabarito para a avaliação manual do teste. Para isso, a ordem das décadas deve respeitar a mesma ordem de alternativas em todas as questões, por exemplo: as décadas de 1960-70 sempre correspondem à alternativa “a”; as décadas de 1980-90 sempre serão as alternativas “b” e assim por diante. Na opção manual, o gabarito pode ficar mais ou menos como o seguinte:

Veja o resultado do seu teste a partir de suas respostas!

- Se você respondeu mais questões com a letra **A**, você tem o espírito de alguém de mais de cinquenta! Suas referências musicais podem te levar diretamente para as décadas de **1960** e **1970**.
- Se você respondeu **B** a maior parte das vezes, você tem a marca de mais de quarenta anos! Suas referências musicais estão vivendo a vida adoidado em algum ponto entre as décadas de **1980** e **1990**.
- Se você respondeu com a alternativa **C** a maior parte das questões, então você é um típico cantor de chuveiro das décadas de **2000** e **2010**, ou não?
- Se você usou a alternativa **D** para responder à maior parte das respostas, você vive muito bem o momento presente! Viva! Os últimos **dez anos** foram o máximo!

3. Aplicando o teste:

Oriente a turma a aplicar o teste com os colegas de outras turmas, no intervalo das aulas, ou pela internet (caso seja feita a opção pelo recurso eletrônico).

Os resultados podem ser computados pela turma e, depois, com ajuda do professor de matemática, podem ser transformados em gráficos, estimativas e uma outra porção de possibilidades. Os resultados gerais podem ser divulgados em painéis ou nas redes sociais da escola, da turma, dos professores e alunos.

4.1.2. DURANTE A LEITURA

Proposta de atividades

Ao longo dos capítulos do livro, a música acompanha a narrativa dos protagonistas dessa história, da ópera *Carmen* às canções populares brasileiras, cada uma delas pode representar um tempo, um momento histórico e toda uma forma de ver e viver em sociedade.

- A canção, assim como outras obras literárias e artísticas em geral, é também produto cultural que remonta às memórias individuais e coletivas, pessoais e comunitárias.
- Essa documentação fornecida pelas artes pode ser analisada, relativizada, confrontada com outros registros e fatos, permitindo uma ampliação dos repertórios estudantis sobre a formação da sociedade atual, dos movimentos e processos históricos que podem, inclusive, refletir sobre o momento atual.

Sugerimos que as canções sejam reproduzidas para os alunos e, à medida que aparecerem, resgatem quem são seus compositores, quem as interpreta e um pouco do contexto em que surgiram. As músicas citadas apenas por trechos de suas letras podem ser pesquisadas, a fim de encontrarem suas letras completas e os dados de contexto de produção solicitados.

Seria interessante que, com a ajuda do professor de história, os estudantes remontassem um pouco o contexto sócio-histórico dessas canções, tentando lançar luz aos referenciais que podem – de alguma forma – ter influenciado as produções.

Esses dados e pesquisas podem ser organizados em forma de fichamento ou anotações no caderno. O fichamento é uma técnica muito simples de organizar, em cartões ou recortes de folhas, informações pontuais sobre leituras, pesquisas e o confronto de dados. Sugira que utilizem um ou dois cartões para cada canção.

Sugerimos que o foco seja dado às seguintes produções:

- *Habanera*, da ópera *Carmen*, de Georges Bizet (década de 1870), citada no capítulo 10.
- *Pela luz dos olhos teus*, de Vinicius de Moraes e Tom Jobim (década de 1970), citada no capítulo 15.
- *Negro drama ou Vida loka – Parte 2*, dos Racionais MC's (década de 1990), citadas nos capítulos 14 e final, respectivamente.
- *Que nem maré*, de Jorge Vercilo (década de 2000), citada no penúltimo capítulo.

4.1.3. DEPOIS DA LEITURA

Proposta de atividades

1. Após a leitura completa da novela e com as informações recolhidas sobre cada uma das peças musicais e suas épocas em mãos, os estudantes podem partir para pesquisa de fotos, notícias de jornal, cenas de filmes, pesquisas enciclopédicas. Esse material pode ser composto em forma de mural ou cartazes que colocariam lado a lado a letra, detalhes sobre a canção e informações do registro histórico de suas épocas.
2. Uma alternativa para promover um registro dinâmico das leituras e pesquisas seria compor um clipe, se os estudantes tiverem acesso a recursos digitais como computadores ou celulares.

O clipe pode ser uma colagem de imagens estáticas e vídeos com a execução da canção ao fundo. Seria interessante usar imagens para contar histórias, associadas à letra das músicas, ao seu ritmo e vertente artística.

4.2. FAKE NEWS, PÓS-VERDADE E TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

- **Tempo aproximado:** 2 a 4 aulas
- **Área de trabalho em parceria:** Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
- **Competências curricular interdisciplinar:** Sociologia
- **Competências e habilidades da BNCC:**
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:
 - Competência específica 1 – (EM13CHS101), (EM13CHS102), (EM13CHS103), (EM13CHS104)

4.2.1. ANTES DA LEITURA

Proposta de atividades

I. **Organize a turma:** atividade coletiva ou em pequenos grupos.

II. Prepare-se:

1. Para começar a discussão, organize a turma em semicírculo ou em círculo.
2. Prepare cópias de imagens e notícias verdadeiras e de imagens e notícias falsas, que estão disponíveis nos sites de verificação de informações sugeridos. Os textos falsos e verdadeiros devem estar em uma mesma proporção, de acordo com a quantidade de grupos organizada.
 - **Agência Lupa.** Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>>. Acesso em: 7 set. 2020.
 - **Agência Pública – Truco.** Disponível em: <apublica.org>. Acesso em: 7 set. 2020.
 - **Aos fatos.** Disponível em: <aosfatos.org>. Acesso em: 7 set. 2020.
 - **Boatos.** Disponível em: <www.boatos.org>. Acesso em: 7 set. 2020.
 - **E-Farsas.** Disponível em: <www.e-farsas.com>. Acesso em: 7 set. 2020.
 - **Fake Check – Detector de Fake News.** Disponível em: <nilc-fakenews.herokuapp.com>. Acesso em: 7 set. 2020.
 - **Fato ou Fake.** Disponível em: <g1.globo.com/fato-ou-fake>. Acesso em: 7 set. 2020.
 - **Projeto Comprova.** Disponível em: <projeto comprova.com.br>. Acesso em: 7 set. 2020.
3. É importante que esses textos verbais e não verbais (tanto os verdadeiros quanto os falsos) apresentem uma variedade de temas, áreas do conhecimento (que envolvam política, ciência, arte, economia etc.) e localidades. Porém, se julgar oportuno, faça uma seleção de notícias verdadeiras e falsas referentes à sua cidade, estado ou região.

III. Encaminhamento:

O objetivo dessa atividade é, antes da leitura do livro *Que nem maré*, mostrar como se dão a composição e os mecanismos de divulgação das notícias falsas.

1. A partir da leitura das notícias e imagens selecionadas, questione a turma se eles classificaram essas notícias como falsas ou verdadeiras.
2. Depois das respostas, questione sobre como chegaram a essas conclusões.
Aqui a turma pode tanto ter “acertado” as notícias falsas quanto pode tê-las classificado como verdadeiras. O objetivo é mostrar aos alunos que sem informações adicionais, pesquisa e sem confrontar essas notícias com outras, qualquer pessoa pode tomar como verdadeira uma notícia falsa.
3. Em seguida, apresente o passo a passo de “Como identificar notícias falsas”, elaborado pela Justiça Eleitoral para as eleições municipais em 2020:

Saiba como reconhecer conteúdos enganosos

- Fique atento à fonte da notícia
- Leia o texto da matéria, não apenas o título
- Preste atenção no endereço eletrônico da reportagem
- Leia outras notícias do mesmo site e avalie a veracidade
- Procure saber sobre o site que publicou a informação
- Preocupe-se com o conteúdo de sites sensacionalistas
- Leia com atenção e fique atento aos erros de ortografia
- Confirme a notícia em outros sites
- Cheque a data de publicação da reportagem
- Confira a autoria do texto

BRASIL. Justiça Eleitoral. *Como identificar notícias falsas*. Disponível em: <www.justicaeleitoral.jus.br/fato-ou-boato/#como-identificar>. Acesso em: 20 set. 2020.

4. Organize pequenos grupos que ficarão responsáveis por identificar, a partir do passo a passo sugerido, se a notícia falsa que eles têm em mão é falsa ou não.
5. Assim que os grupos tiverem feito suas conferências, ofereça a eles os sites e *links* das agências de checagem, para que possam conferir suas descobertas.
6. Depois dessa última checagem, crie com a turma uma definição de *fake news* e de como essas notícias são compostas e divulgadas.
 - A composição: as notícias falsas muitas vezes não apresentam fontes ou são muito genéricas (“foi dito que”, “eles disseram”, “um instituto/faculdade descobriu”, “uma pesquisa aponta”); porém algumas vezes citam nomes de autoridades ou de especialistas e instituições para ganhar credibilidade. Nesses casos, a checagem deve ser ainda mais minuciosa. É possível perceber que, muitas vezes, as notícias falsas têm desvios da norma culta da língua portuguesa ou apresentam um vocabulário e construções textuais pouco robustos.
 - A circulação: muitas vezes, os sites de checagem informam se a notícia circulou na web, em aplicativos de mensagens instantâneas ou redes sociais. Essas notícias costumam ser veiculadas em sites que dão a impressão de serem jornalísticos, mas muitas vezes não são conduzidos por profissionais dessa área. Em outros casos, as notícias circulam como memes, mensagens criadas para serem compartilhadas nas redes sociais e em aplicativos de mensagens instantâneas.

4.2.2. DURANTE A LEITURA

Proposta de atividades

I. Encaminhamento:

O objetivo dessa atividade é fazer com que a turma perceba os perfis de quem cria e difunde as *fake news*, examinando os efeitos dessa prática nas pessoas envolvidas, sobretudo aquelas mais vulneráveis socialmente.

As notícias falsas têm papel determinante na história de *Que nem maré*. É possível dizer que seu surgimento na narrativa é concomitante ao clímax da história. Por essa razão, ao longo da leitura é importante observar os elementos deixados pelo autor para a construção de um ambiente favorável às *fake news*, como:

- Atitudes de xenofobia, discriminação e preconceitos racial e social.
- Distribuição apressada (efeito “viral”) de notícias sem prévia checagem.
- Pessoas não acostumadas a verificar notícias falsas distribuídas em aplicativos de celular.
- Criação de um sentimento de ódio e de rancor.
- Fomento do discurso de ódio.

Ao longo da narrativa, pode-se discutir em especial o tratamento dado a Chen, amigo do protagonista da história, que é discriminado e vítima de *bullying* por ser chinês. Porém, a perseguição ao garoto se torna ainda mais intensa com a difusão da notícia falsa de que ele é portador de um “vírus chinês”.

1. Sugira à turma algumas questões que podem ser discutidas em grupos pequenos e, em seguida, compartilhadas durante as sessões de leitura do livro.

- Defina, a partir de pesquisa e uma conversa com seu grupo, o que é xenofobia.
- De que maneira associar um vírus, doença ou moléstia a um grupo social, povo ou cultura pode ser considerado xenofobia?
- A que serve uma falsa notícia associada à xenofobia?
- Quais as consequências para a comunidade escolar a difusão da notícia falsa sobre o vírus?
- Como essa notícia falsa se espalhou? Comente o suporte e os meios de circulação.
- Quais consequências essa notícia falsa trouxe para Chen, sua família e suas relações pessoais?
- A notícia falsa era creditada erroneamente ao protagonista da história. Como isso também acontece nas *fake news* que são veiculadas diariamente na internet?
- De que maneira o posicionamento intolerante (que gera o *bullying* e as discriminações racial e social e a xenofobia) pode ser propício para o desenvolvimento e o compartilhamento de *fake news*?

2. Outro aspecto interessante que se pode observar ao longo da narrativa – e que permite uma discussão interessante em sala – é definir o perfil de quem compõe e divulga as *fake news*.

- Na história, um grupo de alunos, que já praticam *bullying* contra o personagem de família chinesa e o protagonista (que tem como origem uma classe social diferente da deles), é o mesmo que cria e distribui *fake news* no final da história.
- Esse grupo de jovens é quem emprega discurso de ódio nas redes (os chamados *haters*), que tor-

nam os efeitos das notícias falsas e boatos ainda mais perigosos, pois podem fomentar violências psicológicas e físicas contra pessoas vulneráveis e inocentes.

- Os jovens são considerados um grupo vulnerável a esse tipo de ataque e são, também, responsáveis por não conferir ou checar as notícias, transmitindo-as irrestritamente.
- O grupo de pais do colégio também é suscetível a não verificar as notícias que recebe, dando crédito a fontes pouco confiáveis.

4.2.3. DEPOIS DA LEITURA

Proposta de atividades

Para encerrar as discussões, proponha para a turma algumas questões ou problemas que possam ser respondidos em grupo.

1. Sugira a divisão da turma em grupos, cada um deles será responsável por um desses perfis.
2. O objetivo é pesquisar dados de reportagens, textos acadêmicos, entre outros, que ajudem a reconhecer os diferentes perfis de quem cria e consome notícias falsas.
 - A intenção não é criar um estereótipo “pessoas mais velhas não leem as notícias”, “jovens só leem as manchetes das reportagens”, “quem usa aplicativos de mensagens compartilha mentiras sem prestar atenção”; mas buscar informações que permitam ao leitor rever hábitos e modificar a forma de se relacionar com as notícias que recebe.
3. Cada grupo ficará responsável por compor um cartaz com cada um desses perfis. Esse cartaz também deve conter as dicas de verificação de notícias falsas observadas na seção “Antes da leitura da obra” (p. 12). Novas dicas podem ser acrescentadas, de acordo com cada perfil definido pelos grupos. O cartaz tem como objetivo alertar as pessoas sobre os riscos de criar e difundir *fake news*.
4. Os cartazes podem ser distribuídos pela escola. Para tanto, a turma deve ter clareza sobre a importância dos aspectos visuais na composição desse gênero textual; slogans e elaboração do texto devem ser observados.

Oriente o grupo a dar o máximo de atenção às informações prestadas para que elas não contenham preconceitos, discriminações, desrespeito aos direitos humanos e, de forma especial, informações falsas ou pouco embasadas.

5. APROFUNDAMENTO

5.1. AS CONVENÇÕES DAS NOVELAS E DAS MEMÓRIAS

Que nem maré parece um livro muito simples, “fácil de ler”, e é de fato. Ele consegue essa façanha porque se relaciona diretamente com seu público-alvo, que se reconhece na história de seu protago-

nista. Ele apresenta temas e linguagem contemporâneos, é um livro próximo do jovem leitor. Porém, se observarmos com atenção seus detalhes, encontraremos uma composição repleta de nuances que pretendemos apresentar a seguir.

Enquanto gênero textual, este livro pode ser classificado como um relato autobiográfico fictício: acompanhamos a narrativa de um narrador-personagem que conta sobre como foi um ano de sua vida, ao mesmo tempo que remonta sua origem, sua história, suas lembranças mais distantes. José, seus amigos e sua história não existiram “no mundo real”, portanto esta é um obra de ficção. Se buscarmos classificá-lo enquanto um gênero literário, podemos dizer que este é um livro fictício de memórias.

Porém, a estrutura do livro vai além de um memorial. O autor usou a artimanha das novelas para construir um texto dividido em capítulos curtos que se integram em um conjunto significativo, apresentando mais de uma narrativa contida na narração de José. Cada capítulo “chama” pelo outro, sendo geralmente interrompido em uma espécie de clímax, um *cliffhanger*, uma escalada de emoção que só será plenamente desenvolvida com a continuidade dos capítulos, até que o leitor chegue ao final da história. A novela é um gênero que tenta permanecer novidade a cada capítulo, recurso presente na literatura desde sua origem nas histórias publicadas em capítulos; entre as formas mais populares do século XIX e início do século XX encontra-se o folhetim.

A novela é um gênero textual muito antigo, nasceu da necessidade de transmitir à Europa o que acontecia nas muitas viagens dos cavaleiros que tentavam conquistar a Terra Santa – ou participavam de outras tantas “guerras santas” para rechaçar invasores (e, às vezes, expulsar os legítimos donos de alguns territórios). “Novela”, originalmente, tinha o mesmo sentido de “notícia”, era um relato do *front*. Mas ele não tinha muitas obrigações com a realidade, e aos poucos foi se fundindo com mitos, contos de fadas e causos. Demorou um tanto até que novela e notícia significassem, respectivamente, um relato fictício e um relato objetivo.

Quando as histórias dos cavaleiros perdem a importância em um cenário geral da comunicação (e da literatura), o termo passou a designar, sobretudo nas línguas latinas, as narrativas de ficção que são um tanto mais longas do que o conto e um tanto menores que o romance. Não há, contudo, uma definição específica de qual o tamanho “ideal” de um conto, novela ou romance. Mas é possível pensar na complexidade composicional e estrutural que diferencia esses gêneros: o conto é o ápice da simplicidade, do texto enxuto; o romance, ao contrário, é complexo e repleto de tramas; a novela, no entanto, pode ter mais de uma trama, mas geralmente se concentra em um núcleo central, em uma trama principal que faz a narrativa se desenvolver.

Por meio da estrutura dos 35 capítulos de *Que nem maré*, acompanhamos José nos últimos 35 minutos antes do Réveillon, que parece muito menos interessante do que o restante do seu ano. A narrativa é, portanto, uma novela de memórias. Acompanhamos o protagonista em seu último ano de escola, seu primeiro namoro, sua amizade com Chen, como ele é enredado em uma acusação falsa de xenofobia, como se envolve nesse caso de *fake news*... Ao mesmo tempo, retomamos a vida de seus pais, sua busca por autonomia, por oportunidades. E tudo é contado do ponto de vista de José, em primeira pessoa.

5.2. OUTRAS NOVELAS, OUTRAS MEMÓRIAS

Livros de memórias são uma constante, há muito tempo, na literatura brasileira e de todo o mundo. Em geral, pessoas reconhecidas pelo grande público – ou por um nicho específico de leitores – podem registrar suas memórias, verdadeiros autorrelatos biográficos, com a finalidade de levar um grupo ainda maior a conhecer suas experiências, vivências e ponto de vista sobre fatos. Artistas, esportistas, políticos, cientistas, professores... para cada uma dessas categorias é possível encontrar um livro de memórias, uma autobiografia, nas estantes da biblioteca ou da livraria mais próxima.

Mas não são apenas as memórias, ou autobiografias de personalidades reais, que proliferam. Há na tradição de nossa literatura um número variado de relatos autobiográficos fictícios, o mais notório deles deve ser aquele escrito pelo mais destacado autor brasileiro, Machado de Assis: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a história do defunto-autor, que conta como foi sua vida, em uma retrospectiva, a partir do momento de seu enterro. Essa forma de contar história é a mesma utilizada em *Que nem maré*. Outra narrativa de lembranças conhecida do mesmo autor é *Memorial de Aires*, e, por que não, *Dom Casmurro* (ainda que não leve o nome de memorial ou de memórias).

Antes ainda desses três clássicos machadianos, a literatura do século XIX já havia legado ao leitor brasileiro *Memórias de um sargento de milícias*, publicado em forma de folhetim, em que a cada capítulo é revelado um novo episódio, uma nova lembrança de Leonardo Pataca, desde o encontro de seus pais até suas mais (des)afortunadas peripécias. Assim como *Que nem maré*, esse livro apresenta um personagem em busca de uma identidade, o que era uma procura bastante distinta no século XIX em relação ao que é hoje, nos anos 2020.

Pulando alguns muitos anos, podemos encontrar *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, que – de forma semelhante a *Que nem maré* – narra a história das periferias, mas nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, o relato biográfico da autora é construído em forma de diário, o que difere bastante da construção do livro de Marcelo Duarte. Porém, nesses dois relatos, um ficcional e outro muito real, é possível observar como as periferias das grandes cidades foram sendo ocupadas por pessoas discriminadas e colocadas à margem, por suas origens sociais, raciais e migratórias.

Voltando às memórias reais, e não às fictícias, assim como *Quarto de despejo*, podem encontrar muito das memórias e da vivência periférica em *Sobrevivendo no inferno*, álbum do grupo Racionais MC's, que é citado no livro *Que nem maré*, e que foi transformado em livro. Nele, cada linha, cada capítulo, é como um verso de rap, rimando sobre a vida, em um misto de memórias e reflexões que podem dar o tom de como é viver às margens da sociedade brasileira.

5.2.1. NOVAS FORMAS DE REGISTRO DAS MEMÓRIAS

Talvez os blogs e os *vlogs* tenham caído um pouco no desuso, mas os posts em redes sociais ainda continuam com tudo. Em algumas dessas redes, você pode postar fotos, vídeos e textos contando suas experiências, sejam elas do passado ou atuais, mas que em poucas horas se tornarão apenas lembranças.

Originalmente, os blogs (*web logs*) e *vlogs* (*video logs*) eram nada mais do que diários on-line, em que, com um tom confessional, as pessoas registravam os acontecimentos marcantes de suas vidas. O

que catapultou muitos jovens blogueiros a se tornarem pequenas celebridades de um universo digital. Seus escritos, aos poucos, foram dando espaço a vídeos e fotos, e a interação com o leitor ganhou a centralidade dos interesses dessa relação comunicativa, discursiva.

Os posts dos antigos blogs – aqueles que ainda estão no ar – poderiam ser vistos hoje como lembranças de um tempo que se foi, mas não são propriamente memórias, como as contadas por José em *Que nem maré*. O registro da memória é caracterizado por esse retorno ao passado, revisitar o que passou, intencionalmente. É possível, contudo, que um blog ou um *vlog* – ou, trazendo para o momento presente, um perfil de rede social – possa se especializar nessa tentativa de registro afetivo da memória. Algumas redes sociais permitem que o usuário relembre suas postagens antigas, chamando a esses posts de “lembranças”. Por que não sugerir a seguinte atividade aos estudantes: imaginar como seriam contados os fatos de *Que nem maré* em forma de posts, memes, fotos ou *selfies* e textões, em forma de lembranças.

5.3. ESCREVENDO NOVELAS, ESCREVENDO MEMÓRIAS

Por que não transformar suas memórias em uma novela de ficção? É possível que escrever os nossos desafios de uma semana, de um ano, de uma vida toda, nos ajude a fortalecer nossas metas, nossos projetos de vida e permita a análise daquilo que gostaríamos de melhorar, apaziguar, reestabelecer e curar. Não há outra forma de abordar as memórias, é um movimento de retorno ao passado, um reencontro com o que “foi bom” e o que “foi ruim”, e que nos permite uma mediação desses dois extremos.

Porém, se o desafio aqui é compor uma novela a partir dessas memórias, por que não criar um personagem, um avatar, que nos represente nessa história, que nos permita recriar, reinventar, cenas e vivências? Afinal, a novela exige uma construção fictícia bastante clara, um texto dividido em capítulos, com um fechamento instigante que “chama” pelo próximo capítulo, uma trama que envolva vários “núcleos” com suas pequenas tramas que ajudam a contar a grande história: suas memórias, sua vida.

A partir do levantamento do reconhecimento do que são memórias e como articulá-las de uma maneira novelística, os estudantes podem ser convidados a escrever sobre elas. É possível, como fez Marcelo Duarte, colocar-se no papel do outro, tentando dar voz ao outro em si. Esse é um processo de empatia e de alteridade: “sentir-se” como o outro se sente; vivenciar o outro em sua plenitude, mesmo quando não encontro em mim algo do outro.

No poema, “Descobrimento”, de Mário de Andrade, o autor se coloca no lugar do outro – ele sabe que são diferentes, em toda trajetória, em todo repertório, em toda formação, em toda experiência de vida, mas, ainda assim, se sente como ele.

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.

Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987. p. 203.

De certa maneira, o que Mário de Andrade e Marcelo Duarte fazem é afirmar a pluralidade, sem mitigar nossa “essência” ou nosso repertório pessoal – a despeito dessa essência e repertório –, é afirmar o outro, o diferente. Dessa forma, as nossas memórias, aquilo que lembramos, podem ser introduzidas em um outro, um personagem de ficção elaborado por mim, mas que não sou eu. No planejamento dessa novela fictícia baseada nas memórias, algumas perguntas podem ser introduzidas “Como uma pessoa diferente de mim sentiria o que eu sinto?”; “Como ela pensa o que eu penso?”; “Como ela se move, se não é da forma como eu me movo?”, entre outras. E isso vale para todos os demais personagens: “Como seria a mãe, namorada, amiga desse personagem?”; “Quem seriam seus amigos?”; “Como ele vive, o que ele faz?” etc.

Ainda no planejamento, estruture um ambiente que pode ser aquele em que você vive, ou totalmente diferente; um tempo que pode ser o atual ou outro mais distante. Obviamente, todos esses detalhes variam de acordo com o personagem central escolhido e com a forma com que você pretende abranger suas memórias que, então, serão as memórias de seu personagem.

É interessante que, ao escrever um rascunho da história, você divida os capítulos usando o princípio de que cada um deles terá um clímax e que eles se liguem entre si. Marcelo Duarte, em *Que nem maré*, criou uma frase capitular que fecha – e sumariza – os fatos narrados naquela “célula” de história. Quando olhamos como um todo para essas frases, temos a história resumida, a história de um ano que foi tão grande quanto toda uma vida. Mas você pode procurar estratégias diferentes, como deixar uma pergunta em aberto, uma cena não terminada, uma chegada inesperada... enfim, uma ponta de dúvida para o próximo momento, algo como “veja cenas dos próximos capítulos”, como utilizado em seriados antigos.

6. SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

6.1. OUTRAS MEMÓRIAS

- ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 2000.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Panda Books, 2018.

- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2019.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Panda Books, 2015.
- POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Cultural, 2017.
- RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

6.2. TEORIA DA NOVELA

- SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007. (Coleção Princípios)
- STALLONI, Yves. *Os gêneros literários: A comédia, o drama, a tragédia, o romance, a novela, os contos, a poesia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

6.3. FILMES E SÉRIES

- *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* (título original: *Eternal sunshine of the spotless mind*). 108 min. Direção: Michael Gondry. Estados Unidos: Focus Features, 2004. (Classificação: 16 anos)
- *Bullying virtual* (título original: *Cyberbully*). Direção: Charles Biname. Canadá: ABC Family, 2011.
- *Cidade dos homens*. 100 min. Direção: Paulo Morelli. Brasil: O2/Globo Filmes, 2006. (Classificação 12 anos)
- *Elephant*. 82 min. Direção: Gus Van Sant. EUA: HBO Films, 2004. (Classificação: 16 anos)
- *Forrest Gump: O contador de histórias* (título original: *Forrest Gump*). 141 min. Direção: Robert Zemeckis. EUA: Paramount Pictures, 1994. (Classificação: 14 anos)
- *Maria Callas live: Bizet's Carmen Habanera, Hamburg 1962*. Warner Classics: 27 jul. 2017. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=EseMHR6VEM0&list=RDeZferiwioBU&index=2>. Acesso em: 29 set. 2020.
- *Na quebrada*. 88 min. Direção: Fernando Grossestein Andrade; Paulo Eduardo. Brasil: 2014. (Classificação: 14 anos)
- *Ópera – Carmen, de Bizet: Sinopse*. Teatro Municipal de São Paulo: 4 jun. 2014. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=eZferiwioBU>. Acesso em: 29 set. 2020.
- *Sintonia*. 6 episódios. Produção: Kondzilla. Brasil: Kondzilla Filmes/Netflix, 2019. (Classificação: 16 anos).

6.4. COMO CRIAR UMA PLAYLIST

É possível criar playlists comentadas de vídeo ou áudio, usando o YouTube ou o Tumblr.

Tutoriais para criação de blog:

- Orientações Google para construção de *playlist* colaborativa no YouTube: <<https://support.google.com/youtube/answer/6109639?hl=pt-BR>>.
- Acesso ao Audacity, software gratuito para produção dos áudios de comentários da turma: <www.audacityteam.org/download/>.
- Acesso ao Tumblr para criação de *playlist* comentada: <www.tumblr.com/register>.
- Tutorial de como fazer a gravação no Audacity, disponibilizado pela plataforma do Letramento: <www.plataformadoletramento.org.br/arquivo_upload/2016-04/20160419163528-orientac%C3%B5es-para-gravar-a-playlist-comentada.pdf>.

(Acessos em: 9 out. 2020.)

7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC

Consulte aqui as competências e habilidades da BNCC mobilizadas nas atividades deste *Manual digital do professor*.

7.1. COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

Competência específica 1 – Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Competência específica 2 – Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica 3 – Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Competência específica 6 – Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência específica 7 – Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

(EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

(EM13LP18) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

(EM13LP31) Compreender criticamente textos de divulgação científica orais, escritos e multissemióticos de diferentes áreas do conhecimento, identificando sua organização tópica e a hierarquização das informações, identificando e descartando fontes não confiáveis e problematizando enfoques tendenciosos ou superficiais.

(EM13LP32) Selecionar informações e dados necessários para uma dada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (orais, impressas, digitais etc.) e comparar autonomamente esses conteúdos, levando em conta seus contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de forma a compreender e posicionar-se criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos.

(EM13LP33) Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

(EM13LP34) Produzir textos para a divulgação do conhecimento e de resultados de levantamentos e pesquisas – texto monográfico, ensaio, artigo de divulgação científica, verbete de enciclopédia (colaborativa ou não), infográfico (estático ou animado), relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, reportagem científica, podcast ou vlog científico, apresentações orais, seminários, comunicações em mesas-redondas, mapas dinâmicos etc. –, considerando o contexto de produção e utilizando os conhecimentos sobre os gêneros de divulgação científica, de forma a engajar-se em processos significativos de socialização e divulgação do conhecimento.

(EM13LP35) Utilizar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais, escolhendo e usando tipos e tamanhos de fontes que permitam boa visualização, topicalizando e/ou organizando o conteúdo em itens, inserindo de forma adequada imagens, gráficos, tabelas, formas e elementos gráficos, dimensionando a quantidade de texto e imagem por slide e usando, de forma harmônica, recursos (efeitos de transição, slides mestres, layouts personalizados, gravação de áudios em slides etc.).

(EM13LP43) Atuar de forma fundamentada, ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, gifs, remixes variados etc. em redes sociais ou outros ambientes digitais.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam

7.2. COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Competência específica 1 – Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

8. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). Educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Texto normativo e de referência para a Educação Básica em todo o território nacional.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007. (Coleção Princípios)

Nesse texto acadêmico, Angélica Soares abrange o que conhecemos sobre os gêneros literários, sua composição e história.

STALLONI, Yves. *Os gêneros literários – A comédia, o drama, a tragédia, o romance, a novela, os contos, a poesia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

Yves Stalloni investiga a estrutura e a composição dos gêneros literários, desde suas concepções mais clássicas às mais contemporâneas.



ISBN 978-65-88515-06-8



9 786588 515068